

JUSTINIANO DE SERPA

Justiniano José de Serpa nasceu em 6 de junho de 1876 na cidade de Aquinã, Ceará, e faleceu no Rio de Janeiro no dia 27 de agosto de 1924, aos 48 anos de idade. Bacharel pela Faculdade de Direito do Recife, em 1898, trabalhou na carreira pública em decorrência do grande dom de memória que possuía. Foi deputado estadual do Ceará (1892/1899), deputado federal pelo Ceará (1900/1912), e presidente do Conselho de 1920 até a morte. No período em que viveu no Rio de Janeiro, trabalhou em várias instituições, na biblioteca do estado (atual IUPERJ) e também se dedicou ao magistério em cursos de Letras e do Ginásio Artístico. Em Recife, em 1912, foi eleito presidente da Faculdade de Direito da Paraíba.

Jornalista e poeta, colaborou em vários jornais da cidade de Aquinã e em várias bibliotecas de regimentos locais. Publicou o livro "O Ceará de 1892" em 1912, com ilustrações de Antônio de Sá. Também escreveu o livro "O Ceará de 1912" em 1912, com ilustrações de Antônio de Sá.

ANTOLOGIA DOS POETAS DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

no período de 1896 a 1900. Este livro contém os poemas de todos os poetas que foram membros da Academia durante esse período. Após a publicação deste livro, o autor não voltou mais a publicar quando foi eleito presidente do conselho. Durante o seu mandato, o conselho foi bastante espaçada. Com a ajuda de Leonardo Melo, um dos membros do conselho, conseguiu reunir o quadro acadêmico, ocasião em que o autor se viu obrigado a publicar o livro "O Ceará de 1912".

A REDENÇÃO DO ACAMAPÉ

LEONARDO MELO
1912

Vence a Fúria e o Desejo,
Que se iluminam de luz,
Das cinzas do Proceloso
Resurgem novos deuses,
Tremendo a fim a unidade,
Magnânimo à Legalidade,
Que tem a sombra e não tem luz,
Que um povo que se redime,
É um exemplo sublime,
Que a Fúria é Glória condão.

O céu se veste de estrelas,
A terra de luz e flores,
O sol se adorna das pássaros.

OTACÍLIO COLARES

Otacílio dos Santos Colares nasceu em Fortaleza no dia 1º de setembro de 1918 e faleceu na mesma cidade em 6 de abril de 1988, aos 69 anos de idade. Bacharel pela Faculdade de Direito do Ceará, por muitos anos foi da equipe dos Diários e Rádios Associados com missões em Fortaleza, Manaus, São Luís, Belém, Natal, Recife e Maceió. Posteriormente fixou-se em Fortaleza como professor de Literatura Brasileira do curso de Letras da Universidade Federal do Ceará. Pertenceu ao Conselho Estadual de Cultura. Recebeu a Medalha José de Alencar, a maior distinção cultural do nosso estado.

Jornalista, ensaísta e notável poeta. Era um mestre no soneto e Fran Martins o caracterizou como “sonetista dos melhores de quantos existem no Brasil”. Foi membro fundador do Grupo Clá. Obras publicadas: *POESIAS - Os hospedes*, 1946, em colaboração com Aluizio Medeiros, Antônio Girão Barroso e Artur Eduardo Benevides (considerados os “quatro grandes” da poesia do Ceará); *Poesias*, 1947; *O jogral impenitente*, 1965; *Os saltadores de abismos*, 1967; *30 poemas para ajudar* (em parceria com Antônio Girão Barroso e Cláudio Martins), 1969; *Três tempos de poesia*, 1973; e *A medida do ser*, 1983; ENSAIOS – *Dois estudos portugueses*, 1976; *Lembrados e esquecidos* (cinco volumes, 1975-1981); e *Incursões literárias*, 1980; CRÔNICAS – *Crônicas da Fortaleza e do Siará Grande*, 1980. Em 1996, o Programa Editorial da Casa José de Alencar, dirigido pelo reitor agregado Martins Filho, publicou o livro *Poesia reunida*, organizado e prefaciado pelo acadêmico Sânzio de Azevedo.

Ingressou na Academia Cearense de Letras no dia 10 de janeiro de 1966. Ocupou a cadeira número 33, vaga pela morte do acadêmico Perboyre e Silva, cujo patrono é o cientista e escritor Rodolfo Teófilo. Foi recepcionado pelo poeta Artur Eduardo Benevides.

ENLEVO

*Essa que um dia achei no meu caminho,
Estrela ou flor – não sei – de tais encantos,
Que só de vê-la em suaves acalantos
Minha alma sinto a transudar carinho,*

*Essa, a mais pura e doce, em que adivinho
Todo um mundo de amor e zelo santos,
Que mais me prende, mais eu me avizinho
Da velhice e já sinto os seus quebrantos,*

*Essa enfim que me segue e me conforta,
Cada vez que o percalço me entibia
E a quem chamo de deusa de bondade,*

*Há de viver em mim, depois de morta,
Reflorando, qual lírio em nostalgia,
No jardim sacrossanto da saudade.*

PROFISSÃO DE FÉ

*Acaso, quando em transe de agonia,
Do inferno o fogo estuar em tuas veias,
Senta-te, escreve o poema e das cadeias
Liberta a sacrossanta poesia.*

*Não deixes que ela, imersa em nostalgia,
Ceda aos teus desesperos e que leias,
Depois, diverso do ideal que anseias,
Escrito aquilo que a alma não diria.*

*Faz do teu verso a imagem de tua alma.
Faz do teu poema o bálsamo que acalma.
Faz do teu ser a pátria da grandeza,*

*Pois que se a vida é triste, o homem que emana
De Deus é o nume que jamais se engana
Na ingente busca da imortal grandeza.*

ANGÚSTIA

*Tenho saudades indeterminadas
De algo que foi e que não sei dizer
Se acaso foram lágrimas choradas,
Se acaso foram risos de prazer.*

*Oh! ai dorido! Oh! noites mal sonhadas,
Por que viestes assim revivescer
As flores que eu julgara transformadas
Em cinza e que ora sinto a reviver?*

JOSÉ MURILO MARTINS

*Maldigo o coração no atroz delírio
Tal qual maldiz o crucial martírio
O que sofre sem culpa e sem rancor.*

*Porque é melhor morrer quando se sabe
Que a morte é justo prêmio que nos cabe
Do que sofrer talvez alheia dor.*

Fonte: COLARES, OTACÍLIO. *POESIA REUNIDA: POESIAS*. FORTALEZA: IMP. UNIVERSITÁRIA, 1996. (COLEÇÃO ALAGADIÇO NOVO, N. 96). P. 52, 53-54, 47 (POEMAS SELECIONADOS PELA ACADÊMICA NOEMI ELISA ADERALDO).